

VIVA O NATÉRIO

António Torrado
escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



Lá na aldeia todos sabiam que ele era ladrão, mas tinham-lhe medo.

Diziam que ele assaltava viajantes, noite alta. Também contavam de assaltos a casas dos povoados próximos, estivessem lá moradores ou não. E era cruel, rancoroso, arrebatado, perverso. Um tojo, um cardo de malvadez.

A gente pacífica da aldeia não descortinava maneira de ver-se livre do malfeitor. No tempo em que esta história aconteceu, não havia polícia senão nas cidades maiores. Os caminhos para lá chegar eram demorados e pouco seguros.

Por isso, sem autoridades que lhes valessem, os aldeãos viviam em perpétuo terror.

Até que, um dia, o Natério, um dez-réis de gente, mas muito vivaço e destemido, resolveu dar a volta à história. Naquele estado de pavor geral é que as coisas não podiam continuar.

Antes de o ladrão ir ter à casa onde se acoitava, costumava passar por perto de um poço da aldeia. Quando lhe adivinhavam a sombra, as mulheres que vinham buscar água fugiam e até bilhas e celhas deixavam na borda.

Desta vez, o malfeitor encontrou um rapaz, que chorava baba e ranho, à beira do poço. Era o Natério.

Não que se impressionasse com as lágrimas, mas por curiosidade, o ladrão perguntou qual a razão da choradeira.

– Trazia uma pesada taça de prata, que a minha mãe tinha areado, a mando do senhor padre...

– Era pesada a taça, disseste tu? – interessou-se o maganão, de olhos a luzir.

O rapaz fez que sim e continuou o seu relato:

– Debrucei-me para o poço, à caça de uma lagartixa, e a taça caiu-me lá dentro. Uma desgraça! O que é que eu vou dizer à minha mãe? E ao senhor prior?

Como se temesse as respostas, o rapaz voltou ao berreiro.

– Deixa estar que eles escusam de saber – disse o ladrão, escarranchado no bordo do poço. – Eu trago-te a taça, não tarda.

Enfiou pelo poço abaixo, que era fundo e estava menos de meio.

– Não encontro a taça – dizia ele.

A voz ecoava na abóbada do poço. Era assustadora.

– Procure o senhor do seu lado direito, que ela caiu mais para esse lado.

O ladrão, que se segurava por uma corda presa à cintura, desceu mais um tanto, agarrado às paredes do poço. Valente era ele.

– Ainda não achei – dizia.

– Mas achámo-lo nós – gritou-lhe de cima o Natério.

Dos pinhais ao redor romperam mulheres e homens, à chamada do rapaz. Agarraram todos uma enorme pedra e puseram-na a tapar a boca do poço. O bandido gritou, mas de nada lhe valeu.

Já outros da aldeia tinham ido à cidade chamar a guarda. Dias depois, foi removida a pedra e o ladrão saiu a praguejar da armadilha que lhe tinham pregado. Chegando ao cimo, calou-se. Tinha guarda de honra à espera, uma fieira de canos de espingarda apontada para ele.

Os guardas levaram-no e nunca mais se soube do brutamontes.

O poço ganhou nome. Passou a ser conhecido pelo poço do Natério. E se, um dia, andarem por terras monfortinhas, a caminho de Castelo Branco, talvez ainda haja quem saiba dizer onde fica.

FIM